

Servidor protesta e é preso pela PM

João Batista ficou quatro horas algemado dentro de um camburão por ter reclamado durante revista em ônibus de Santa Maria

Luís Osvaldo Grossmann
Da equipe do **Correio**

Na noite de quinta-feira, o servidor público João Batista Cabral de Souza, de 54 anos, há 32 deles funcionário do Ministério da Educação, pegou um ônibus para voltar para casa, em Santa Maria. A viagem foi longa, não só pela distância. Durante quatro horas ele ficou algemado e preso em um camburão da Polícia Militar.

O dia já não tinha sido muito bom, porque João teve seu telefone celular furto pouco antes, próximo a plataforma superior da Rodoviária. No entanto ele não tinha idéia de como a noite ainda podia piorar. O ônibus foi obrigado a parar na via Epia, próximo ao Núcleo Bandeirante, em uma blitz da Polícia Militar, quando todos os passageiros tiveram que descer para serem revistados. Eram 21h. Inconformado, João deixou escapar: "Mas eu sou mesmo um Zé Mané". Já fui assaltado e agora ainda vou ser revistado. Os bandidos estão soltos e as pessoas de bem é que são detidas".

Ele jamais podia imaginar as consequências. Seguro por cinco policiais militares, João foi algemado e colocado dentro do camburão, onde ficaria durante as próximas quatro horas.

As algemas machucavam os pulsos dele, mas sempre que reclamava sofria alguma ameaça. "Eles ficavam me dizendo: cala a boca ou senão você vai tomar um pau", lembra João. Se perguntava o motivo da prisão, não ouvia resposta. "Pedi a eles que me levassem então para uma delegacia, mas eles não quiseram. Chegaram a dar umas voltas comigo no carro e fomos até a delegacia do Núcleo Bandeirante, mas não chegamos a entrar e voltamos", conta ele.

João acabou sendo deixado em uma parada no Núcleo Bandeirante, onde os policiais esperaram que ele entrasse no ônibus para Santa Maria. "No camburão descobri que não podia fazer nada, só esperar pela boa vontade deles. Antes de me soltar ainda me obrigaram a assinar um

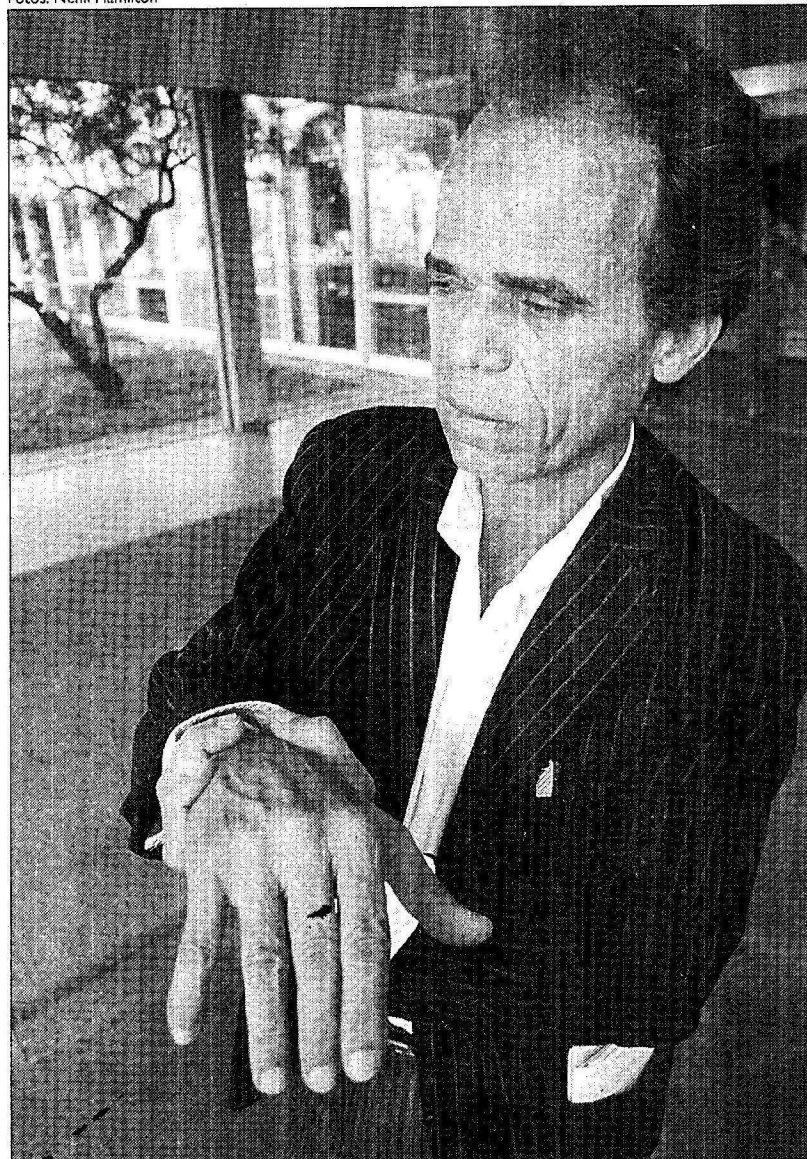
papel", diz João, que não sabe o que assinou porque estava escuro.

Em Santa Maria ele foi direto para a 33ª Delegacia de Polícia, onde registrou ocorrência. "Fui com a polícia até o local da blitz, mas quando chegamos lá não tinha mais ninguém". Quando a viatura finalmente o deixou em casa eram 2h da manhã. No dia seguinte (ontem), João foi ao Instituto Médico Legal para fazer o exame de corpo delito. "Se eu estivesse errado ia querer ir embora pra casa, mas não é possível que um cidadão trabalhador seja tratado como bandido. Por isso fiz questão de ir prestar queixa", afirma.

VIRANDO ROTINA

Este não foi o único caso de violência policial nesta semana. Por estar

Fotos: Nehil Hamilton



João Batista reclamou da revista feita pela PM: "Sou mesmo um Zé Mané"

dirigindo em alta velocidade, o empresário Vítor Pedro Bastos Moreira, de 24 anos, recebeu um soco no olho, chutes e teve a cabeça jogada contra o capô do próprio carro. O amigo e funcionário de sua loja, Antônio Chaves de Oliveira Júnior, de 22 anos, foi algemado no carro enquanto assistia Vítor apanhar dos policiais.

O porteiro desempregado Edson Marques de Melo, 26 anos, foi confundido com um bandido. Recebeu um tiro em cada um dos pés e não sabe quando vai voltar a caminhar. Ele também teve os dentes dianteiros

quebrados por coronhadas de revólver. Isso ocorreu na noite de segunda-feira, 7, na QNM 28, em Ceilândia. Antes mesmo de abordá-lo os policiais já chegaram atirando. Com medo, Edson fugiu para um beco. Na fuga, foi atingido pelos tiros.

Nesses dois casos a PM informa terem sido abertos processos de investigação. Segundo o assessor de comunicação da Polícia Militar, coronel João Coelho Vítola, "em toda e qualquer reclamação ou denúncia contra a PM é aberto um processo apuratório".

